



“PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM” O FEMININO EM RELAÇÕES CIS-HETEROSSEXUAIS, UMA ANÁLISE LITERÁRIA

Apolo Vincent Silva de Oliveira ¹

RESUMO

O presente trabalho busca realizar, via análise literária da obra “Perto do coração selvagem” de Clarice Lispector, a discussão sobre heterossexualidade feminina, tendo como enfoque a vida da protagonista Joana, esta que reúne um emaranhado de histórias femininas entrelaçadas. Elucidando o leitor acerca da denúncia do arquétipo de relacionamentos cis-heterossexuais. Trazendo através da prosa filosófica de Lispector, episódios de violência, sobretudo simbólica, constantemente vivenciados por mulheres. Revelando também, o peso das relações familiares em identidades femininas, doutrinadas para serem submissas. Por fim, diante da tragédia cultural na qual estão permeadas as relações, interessa nesse trabalho pensar possibilidades de penetrar a conjuntura cis-hetero-normativa de amar, para compreender remodelagens de amores e relacionamentos. Atingindo conseqüentemente, um outro “eu-feminino”, senão o construído via processo de assimilação com culturas ocidentais. Assim, repensa-se por fim, a viabilização de narrativas contadas por vozes indesejadas, pelas representações literárias de gênero que trazem, desconstruindo o monopólio cis-masculino existente na literatura.

Palavras-chave: Gênero, Heterossexualidade, Literatura, Lispector.

INTRODUÇÃO

A literatura enquanto construtora de imaginários e sociedades, estas que se intencionam produzir sujeitos que almejem as configurações de relação pregadas pelas ditas sociedades desenvolvidas, o que se entende como “moderno”. Ostensivamente procurados nas produções meticulosamente designadas a cada categoria de sujeitos, o “moderno” não se restringe a uma única concepção, aqui vale encarar o “moderno” como algo desejado em diferentes entidades representativas. Por um lado, interessa compreender o moderno como relativo a uma sociedade, no caso da nossa colonizada, sempre a expectativa de refletir a cultura das sociedades coloniais. Referindo-se assim, a um objeto inalcançável, sempre tentando ser conquistado. Por outro lado, segmentando o sentido evocado por “moderno” como blocos significacionais distintos numa mesma estrutura de sentido nos quais cada qual representa um nível de profundidade significacional. Desta forma, quanto mais próximos da essência ou origem de como o referido significado ermanado, mais pensar o moderno dirá sobre pensar as articuladíssimas tecnologias de sexo/gênero construídas justamente com fim de personificar sujeitos.

Dentro das tecnologias de sexo/gênero desenvolvidas para atuarem na preservação da conjuntura de nação assimilada, na qual as sociedades modernas se amparam, a leitura, sobretudo a de obras literárias - uma vez que esta representa uma importante ferramenta com objetivo de denúncia, ou seja, de conclamação à revolução – representará um fortíssimo

¹ Graduando do Curso de **Letras – Língua Portuguesa** da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - BA, polinhoapl@gmail.com;



recurso para doutrinar mentalidades. Assim, sabemos que a literatura foi, principalmente nos primórdios das atuais sociedades instauradas, um grande agente na produção de significados de interesse do estado de cultivar-se nas nações. Por este mesmo motivo, compreendendo o campo literário como um território historicamente composto por vozes autorizadas a falar, entendemos que o mesmo foi contestado durante séculos por vozes cis-masculinas brancas. Diante desse cenário no qual ampara-se a literatura, ainda hoje gerida por corpos cisgêneros masculinos e brancos, elucidar o teor revolucionário contido nas narrativas femininas escritas em período finissecular, período em que se pensava a estrutura de base da sociedade moderna democrática. Clarice Lispector foi uma grande autora que usufruindo do privilégio da branquitude, fez grande sucesso.

A obra “Perto do coração selvagem” em específico traz em sua narrativa importantes traços dum desenho de liberdade feminina há tempos aclamada. Neste livro, Lispector evoca, através de Joana, protagonista da referida narrativa, mazelas experienciadas com frequência ainda hoje por mulheres socializadas para serem mulheres e, seguindo a programação de tal socialização, aderem a heterossexualidade. Evidenciando como convencionalmente se organizam as relações familiares, afetivas e amorosas e suas hierarquias. Denotando o quanto a literatura teve e tem a missão de materializar gritos nunca dados, o grito de oprimidos. Contendo em tais narrativas a fórmula dos cálculos teóricos acerca das discussões de gênero. Uma vez que o literário, sobretudo o romance, pode ser identificado como uma representação verossímil da realidade social analisada por lentes treinadas.

Através da personagem Joana destrincharemos importantes questões relativas às problemáticas envoltas na arquitetura de relacionamentos heterossexuais, tendo enfoque no recorte feminino. A fim de detectar quais passos dados por Joana, bem como quais caminhos trilhados pela mesma, a levaram a seu fim. Misturando o trágico com o ameno, na sofisticação da dura realidade que envolve corpos do “segundo sexo” Beauvoir (2001), Lispector (1998) fomenta momentos relevantes na constituição da identidade feminina hegemônica. Joana é uma mulher como tantas outras que oprimida pelo, pai, pela tia e pelo homem que ama, vive uma vida murcha até perceber ser possível criar novas possibilidades de abertura de caminhos a serem galgados numa retomada de si que significa a vida dessa personagem que adpta dos padrões de sexo/gênero impostos para a categoria mulher, desconhece a leveza de viver tendo um corpo culturalmente inferior.

METODOLOGIA

Este trabalho desenvolve-se mediante análise e crítica literária do romance “Perto do Coração Selvagem” de Clarice Lispector. Análise de como a narrativa emite através da sua organização estrutural, significados de manifestações que se apropriam de outros mecanismos, senão o do discurso dito, para significar os sujeitos e as sociedades.

DESENVOLVIMENTO

Tenho como referência teórica principal o romance “perto do coração selvagem”, de Clarice Lispector, a narrativa deste livro será o núcleo da discussão central desta pesquisa. Os apontamentos de Butler (2003), com os conceito “performance” de gênero elucidará a compreensão acerca da influência dessa estrutura para doutrinações específicas emitidas e

reveladas na narrativa. Tais considerações serão de grande importância para compreender como o que Lauretis (2011) denomina “tecnologias de gênero”, produzidas nas interações sociais, familiares e afetivas-amorosas, agem com diferentes pontencializações para com as categorias de sexo/gênero masculina e feminina. Essas tecnologias, carregadas de caráter educativo, postulado nos princípios definidos como normais numa sociedade pautada nos princípios civilizatórios apresentados por Freud (1996) como união de grupos majoritários a definirem o que, uma vez reproduzidos por uma maioria de sujeitos, é “cultura”. Sociedade civilizada, amparada em culturas predeterminadas por quem detém os discursos designados por Foucault (1970) como “válidos”.

Os corpos diferentemente educados de acordo com a lógica binária dicotômica de sexo/gênero, mediante diferentes métodos educativos, inclusive literários produzirão sujeitos que assim como o que os produz, objetiva a reprodução dum sistema de relações humanas que sustente hierarquias entre as classes de sujeitos. Em caso de ameaça a estabilização da normatividade civilizatória da cultura, sujeitos intransigentes, como defente Foucault (1987) sob constante vigília, são submetidos a severas punições. Estas que vão da minimização da cognoscência de sujeitos pertencentes a determinadas categorias, até a morte.

Tendo como norteadoras da linha de pensamento na qual se ampara a análise literária realizada nesta pesquisa as referências acima citadas, interessará compreender que “coração selvagem” narrado na obra posta em análise. Estudando os porquês de ser preciso essa selvageria da protagonista não Maria, mas sim Joana, reafirmados a para obtenção dum sentimento de quase êxtase, difuso e imensurável, remetendo ao estado psíquico definido por Freud (1996) como “sentimento oceânico”. Contudo, centrada no próprio sujeito. Fomentando uma espécie de religião de si no amor próprio sentido pelo distanciamento para com as armadilhas de gênero entrelaçadas às questões amorosas e familiares.

Para por fim, pensamos o pulsar do coração selvagem de Joana que tanto demorou para desumanizar-se da lógica normativa que a evoluiu durante toda uma vida, como um grito grifado na metáfora que necessita ser ouvida, a fim de repercutir a história de tantas Joanas que por sorte ou azar, não gozaram do mesmo destino da protagonista da narrativa. Afinal, o revolucionário carrega duras consequências para quem opta por condutas e performances que destoem da norma prescritiva de gênero. Resultando, de todo modo, na contestação dum território literário apontada por Dalcastagnè (2012). Trazendo através da literatura, a possibilidade de remodelagens do imaginário social acerca de como devem ser os sujeitos e

suas relações. Uma vez que a literatura pode ser entendida como tecnologia de produção e reprodução de sujeitos que acessando a um padrão de normalidade propagado, apreendem quais são as incorporações cabíveis aos seu corpo enquanto corpo discursivizado. Fomentando assim, gradativamente, diferentes subjetividades marcadas pela normatividade que circunda a sociedade e os sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O TODO COERENTE ENTRE OS CAPÍTULOS

Em “Perto do Coração Selvagem”, Clarice Lispector constrói uma narrativa bastante coerente. Utilizando-se, como grande literata, não somente de enunciados para criar sentidos, a autora recorre a estratégias discursivas maestras. Dividido em duas partes:

Primeira parte:

O pai
O dia de Joana
A mãe
O passeio de Joana
O banho
A mulher da voz e Joana
Otávio

Segunda parte:

O casamento
O abrigo no professor
A pequena família
O encontro de Otávio
Lídia
O homem
O abrigo no homem
A víbora
A partida dos homens
A viagem

Percebemos ter havido cautela da parte de Lispector na escolha dos vocábulos que representam a materialização comprimida de grandes significações a serem transmitidas. Na primeira parte do livro, a parte que trata da infância e da mocidade de Joana, começa-se com “O pai”, sugerindo um espaço privilegiado desse sujeito que exerce uma função singular na formação da subjetividade de crianças, sobretudo as socializadas para serem mulheres. De sete tópicos, quatro dizem sobre a protagonista da narrativa e os outros três sobre terceiros que impactam nas escolhas a serem feitas na vida dessa mulher que para falar de si, enxuga páginas. “O dia de Joana” e “O passeio de Joana” são os menores capítulos do livro, revelando que muito da história dessa mulher, que tem no banho um pouco mais de momento seu, é constituída por memórias e presenças de outrem.

Às vésperas do encerramento da primeira parte, “A mulher da voz de Joana” vem dizer sobre uma lembrança de si justaposta numa voz confusa, quase inaudível, sua, lembrada

somente por esquecida diante das severas tentativas de silenciamento vivenciadas. Podemos compreender “A mulher da voz” como uma conclamação de si realizada pela voz que evoca uma mulher desconhecida por si mesma, aclamada por uma voz interior. Por outro lado, podemos compreender que trata-se duma mulher com uma voz específica. Sendo esta voz uma representação de dizeres dessa mulher que têm uma potência vocal singular e fala, contudo, apenas para si. Refletindo um cenário muito comum de identidades femininas que se constituem pautadas na crença de que seus dizeres não são relevantes. Caindo na noção de validade discursiva fomentada por Foucault (1970) que concederá a vozes específicas o direito a fala. Cerceados, os discursos de vozes não autorizadas, acabam por produzir a política do silêncio em corpos portadores de marcadores que não expressem os ideais de sociedade modera instaurados e valorados.

Por fim, o último tópico chama-se “Otávio”, homem com quem Joana passará longa parte de sua história. Neste último tópico, o maior de todo o livro, extenso para expressar quantos dos dias da vida dessa mulher cheia de silêncios foram “vividos um dia atrás do outro, sem surpresas, por puro devotamento a um homem” (LISPECTOR, 1998), temos explicitada, numa narrativa exaustiva, reflexo duma voz e mente cansada, o quanto da vida - representada pelo livro - de mulheres heterossexuais volta-se para uma vida vivida em prol desse outro, bem como para os discurso desse sujeito que detém poder para conscientemente ou inconscientemente, tomar parte da vida de suas companheiras.

A segunda parte, esta que narrará a vida adulta de Joana, volta-se também para terceiros, para Otávio, para Lídia, para o arquétipo de família, para um outro homem por quem Joana se interessa, para ao fim, voltar-se para essa mulher como a “víbora”. Evidenciando o imaginário que se cultiva acerca de corpos insubmissos para com os silêncios que lhes é imposto. Retomando toda uma estrutura patriarcal cristã que culpabiliza a mulher que ousa transgredir instruções masculinas. A intransigência feminina para com as prescrições binárias de gênero socialmente determinadas para a satisfação do homem, é o que provoca “A expulsão dos homens” e leva por fim, Joana a uma viagem para além do dito possível. Uma viagem para além das geografias construídas para dois. Uma viagem onde cabe apenas um e, mesmo que isso não acarrete um final feliz, uma vez que a sociedade, parafraseando Foucault (1987), em constante vigília, sanciona corpos desobedientes, acarrete menos infelicidade.

Um outro elemento interessante a se destacar na organização das partes e dos capítulos do livro é a escolha da autora por frases simples. Justamente para mostrar ao leitor que, apesar de toda filosofia envolta na narrativa, é sobre aquilo que ela fala. Sobre pontos que se encontram na vida de muitas mulheres, sobretudo heterossexuais. Tais considerações servem para elucidar o potencial da língua de criar significados para além do semântico ou explícito. Lispector faz uso da coerência discursiva dos capítulos, para através desse código comunicativo que lhe é próprio, passar importantes informações manifestas por outros caminhos senão o do propriamente dito.

JOANA E A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

Pensar gênero implica precisamente em pensar a cis-heterossexualidade, uma vez que esta última atua como agente da manutenção de hierarquias entre as homens e mulheres ao configurar o modelo de relação cis heterossexual numa lógica falocêntrica que condiciona mulheres a reproduzirem uma passividade imposta como se lhes fosse condição natural. A escolha do nome da personagem não é vã. Um dos nomes masculinos brasileiros mais comuns, se não o mais, é “João”. Pensar o nome da personagem como Joana e não Maria, por exemplo, é considerar atentar-se a detalhes significativos. Joana representa uma mulher como tantas outras Marias que têm a sede e o desejo de ter a liberdade de João.

O livro “Perto do Coração Selvagem” traz à tona uma série de elementos recorrentes em socializações recebidas por corpos do segundo sexo. A exemplo, a própria compulsoriedade da heterossexualidade. Joana afirma que “Amava Otávio desde o momento em que ele a quisera, desde pequenos, sob o olhar alegre da prima” (LISPECTOR, 1998, P.88). Esse trecho denota alguns elementos importantes quando se pensa a construção de identidades. O suposto amor que começa numa “brincadeira”, comumente feita entre adultos. Revelando o poder que os discursos familiares têm sobre identidades que materializam instruções heterossexuais e de gênero. Otávio a quisera, não o contrário. Indicando ter sido a ele proposto o romance. Indicando como o marcador de gênero atua nas identidades desde a infância.

A imposição da heterossexualidade impulsiona mulheres a vivenciarem circunstâncias indesejadas, por vezes violentas. Episódios que se alastram como um vírus que pouco a pouco ceifa a possibilidade da sujeita de ser feliz. “Quando Otávio a beijara, segurara-lhe as mãos, apertando-as contra seu seio, Joana mordera os lábios a princípio cheia de raiva porque ainda não sabia com que pensamento vestir aquela sensação violenta” (LISPECTOR, 1998, P.96). É interessante como a “sensação violenta” vem a Joana posteriormente a sua própria mordida, revelando haver uma movimentação de justificação para com o ato violento do outro, justapondo-o para seu próprio ato. Essa movimentação é muito comum em relacionamentos abusivos, nos quais a vítima parodiza a violência produzida pelo agressor na expectativa de anulá-la, por amor. Provocando severas perturbações psíquicas na vítima. Após a partida de Otávio, “já despida sobre a cama, não conseguia adormecer” (LISPECTOR, 1998, P.96). Esse relato expressa o profundo desconforto sentido por esta mulher ao ser tocada intimamente por este homem que veio a depois de então, ser seu companheiro.

RIVALIDADE FEMININA

Em meados da narrativa, Lídia é apresentada como amante de Otávio. Sem que haja surpresas ou alvoroços. Esta é uma situação natural. Apenas um homem comprometido que possui uma amante. Nada que fuja da normalidade de relacionamentos cis-heterossexuais. Joana e Lídia são conhecidas, próximas. Joana tem consciência da traição que após a gravidez de Lídia, já não daria mais para esconder ou fingir não saber. No capítulo “Lídia”, no qual falar-se-á sobre esta mulher que tem uma altivez perceptível como alguém por quem Joana cultiva maus sentimentos.

Joana é levada como que por uma correnteza sistemática a desgostar, logicamente, diriam, de Lídia. Em dado momento Joana diz para Lídia “Então vai ter um filho (...) porque não trabalha Assim não precisaria de Otávio” (LISPECTOR, 1998, P.146). Responsabilizando o corpo-ventre pelo dever de arcar com a vida por vim. Desejo que minimizaria a potência do abandono pela justificação de Lídia ser “a outra”. Joana ter tomado a voz nesse contexto evidencia uma passividade de Otávio diante da situação.

Contudo, vale ressaltar que os maus sentimentos de Joana para com Lídia dizem somente a uma rivalidade existentes por conta de Otávio. Pensando em gravidez, Joana brinca consigo mesma “Nós duas formaríamos uma união e forneceríamos à humanidade. Sairíamos de manhã cedo de porta em porta, tocaríamos a campanha: qual é que a senhora prefere: meu ou dela?” (LISPECTOR, 1998, P.194). Mostrando que na verdade Joana não desgostava de Lídia, ao contrário, ela até imagina ambas realizando ações inusitadas e revolucionárias juntas. Mas sentimento era impedido, pois entre elas havia Otávio que segundo a narrativa se perdia entre elas, indefeso.

O CORAÇÃO SELVAGEM

Como último ponto escolhi falar sobre a significação das batidas desse coração escutado a pulsar somente no fim do livro, em “A viagem”. Simbolizando o quanto apesar de toda uma história vivida, somente após partidas específicas, esta mulher encontra motivos. Podemos compreender o coração selvagem como remontando a pequena Joana olhando galinhas pela janela enquanto o pai trabalhava. Representando o findar da distância para com liberdade do bicho. Este que desconhecendo culturas e significados, vive sem temer. Podemos ainda estender essa compreensão do ser bicho, com o não ser civilizado por uma cultura que condiciona o feminino a performances submissas. Ousando querer sentir o gosto de vida para além da definida, como pontua Freud (1996) como cultural através da conveniência de uma maioria que se legitima “eu”, decerto não é uma vida de grandes felicidades, essa que significa “ausência de dor e desprazer” (FREUD, 2019, P19) a que Joana, enquanto mulher, passa a ter após escolher viver sem homens. Todavia, mesmo com as mazelas que tal escolha consequentemente acarreta para uma identidade feminina, ter a si, descobrir-se “ainda viva” (LISPECTOR, 1998, P.191) representa uma preciosidade quase incabível, a de sentir-se viva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve análise literária, para além das questões salientadas nos tópicos acima, serve para ratificar o potencial da literatura enquanto produtora de sentidos e de sujeitos que corporificam o produto que lhes dizem ser compatível às projeções criadas para seu corpo em virtude de pertencimentos ao feminino ou ao masculino. Dessa forma, seria possível dialogar com os postulados de Lauretis (2011) para pensar a literatura como uma tecnologia de gênero produtora de sujeitos. Por este fator é tão importante que criemos produções literárias que destoem da normatividade cisgênera e heterossexual que constitui o âmbito literário. As representações literárias reproduzidas do social para a literatura, servirão para apropriação de identidades que posteriormente as contatem.

A narrativa de “Perto do coração Selvagem” carrega uma grande discussão que este trabalho tenta refletir. Sendo a questão feminina o cerne da referida obra. Lispector desenha nesse livro, o desejo de liberdade que tem a mulher representada por Joana. O desejo da mulher de pensar, de produzir, de conhecer e de partir. Desejos simples até, contudo há tempos e ainda hoje, negados. Nos deixando como legado o desejo de transformar, de reinventar através do inventado dito natural. O desejo de, como diria Dalcastagnè (2012), contestar o território literário, historicamente negado a corpos marginais.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. 2003. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Um território contestado : literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais**. In Besse, Maria Graciete; Tonus, José

Leonardo; Dalcastagnè, Regina (Coords.) La littérature brésilienne contemporaine Iberic@l. Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, 2012 no. 2 p. 13-18

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

___ Perto do coração selvagem. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

FOUCAULT, M. . Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. In S. Freud. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996.